



GT 38. Estudos etnográficos no mundo dos psicoativos

Coordenador(es):

Edward John Baptista das Neves MacRae (UFBA - Universidade Federal da Bahia)

Regina de Paula Medeiros (PUC MINAS - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais)

Nos últimos anos, o campo do estudo do uso de substâncias psicoativas, até recentemente apanágio quase exclusivo dos estudos em saúde ou direito, vem também se desenvolvendo de forma muito rápida na antropologia. A nova, mas não inédita, atenção dada aos seus aspectos culturais traz uma série de implicações teóricas, metodológicas, políticas e éticas. Destacam-se aí conflitos entre abordagens teóricas baseadas no interacionismo simbólico e as norteadas pela teoria ator-rede e as questões metodológicas relacionadas a uma maior ou menor participação nas práticas pesquisadas e na militância de diferentes movimentos sociais. Surgem diversas indagações. Pode/ deve o pesquisador usar substâncias psicoativas em campo junto com seus interlocutores? Qual o lugar da autoetnografia? Tampouco podem ser deixadas de fora questões éticas relacionadas ao estudo de populações com práticas ilícitas ou socialmente estigmatizadas. Que proteção se oferece aos sujeitos da pesquisa? E aos pesquisadores? Pensando nestas, propõe-se um grupo de trabalho para refletir sobre instrumentos metodológicos-teóricos- éticos que possibilitam a compreensão dos contextos sociais onde pesquisadores investigam distintas práticas de uso de psicoativos, sejam eles lúdicos, espirituais ou terapêuticos possam trazer à discussão os vários dilemas encontrados em seus estudos.

O uso da maconha como mecanismo de interação no ambiente universitário e os desafios da etnografia como método de pesquisa

Autoria: Diego Vinícius Bernardes da Silva (Instituto Elo), Thiago Pereira da Silva Flores

Durante grande parte da minha graduação tive a oportunidade de participar dos movimentos políticos e culturais que se manifestavam a partir do ambiente universitário ao qual estava inserido. Inicialmente conhecendo e frequentando os coletivos de juventude e depois passando pela gestão do Diretório Acadêmico do curso. Posição que conseqüentemente me propiciou vivenciar toda a lógica do Movimento Estudantil. Um dos pontos dessa vivência foi uma grande circulação que foi realizada tanto pelo campus em que eu estudava, ao fazer contato com estudantes de outros cursos, quanto também transitar entre diferentes campus e universidades pelo país, a partir da participação em reuniões, congressos e festivais. Por conta da influência de ser usuário de maconha e de espaços que frequentei por isso, a repetição do uso no ambiente universitário foi uma situação que acabou me chamando atenção. A observação que pude fazer ao participar de variadas ?rodas de fumo? me causou diferentes questionamentos. Os questionamentos giravam principalmente em torno da relação que os grupos construíam a partir do uso da maconha e qual seria o impacto na vida destes usuários. Com isso surgiram algumas perguntas como, por exemplo, sobre quando o interlocutor teria iniciado o uso, como havia sido a experiência, a influência desse uso na construção dos laços de sociabilidade e, além disso, a relação desse uso com o espaço da universidade. As respostas a estas questões surgiam na maioria das vezes em conversas informais que aconteciam nos lugares onde elegíamos para fazer o uso da substância. Ao me aproximar do fim da graduação e por conta da necessidade da produção de um work de conclusão, me propus a aprofundar os estudos sobre o tema, bem como coletar dados a partir do método etnográfico da observação participante. Além disso, me dispus a resgatar da memória eventos e situações vividas que pudessem ser utilizados como dados, o que resultou em um artigo científico. Avalio que foi possível obter um bom resultado ao final do work, com o texto sendo publicado em revista eletrônica e aceito para apresentação em alguns congressos. Entretanto, algumas questões que



surgiram durante o processo de produção não foram sanadas, principalmente por conta do pouco tempo disponível pelos prazos de entrega. Questões que vão de encontro à proposta do GT e estão relacionadas tanto as deficiências teóricas, quanto aos limites metodológicos, éticos e políticos que surgiram durante o processo de produção. Sendo assim, apresento a proposta de um pôster onde eu possa expor este contexto, além de poder participar das discussões, compartilhar experiências e aprendizados com os demais pesquisadores.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: